

## **EXPECTATIVAS E OBJETIVOS DE JOVENS APRENDIZES DA CASA DO MENOR**

### **TRABALHADOR DE NATAL**

ROMEICA MENEZES PAIVA CHAVES  
MARIA LÍDIA FAGUNDES NUNES  
MICHELE ALVES BARBOSA  
EULÁLIA RAQUEL GUSMÃO DE CARVALHO NETO

#### **RESUMO**

O Programa Jovem Aprendiz, que visa encaminhar os jovens ao primeiro emprego, é estudado por diversos pesquisadores que, em geral, buscam entender sua real contribuição para a vida do aprendiz. Como as pesquisas que abordam esse tema são escassas na cidade do Natal, mais especificamente quanto à formação profissionalizante desenvolvida pela Casa do Menor Trabalhador de Natal, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo geral de analisar a realidade e as expectativas dos jovens aprendizes assistidos pela referida instituição. Para alcançar seus objetivos, o presente estudo, de caráter exploratório, foi elaborado por meio da coleta e análise de dados de 30 participantes. Os resultados encontrados evidenciam que os jovens ingressaram no curso em busca de aprendizado e experiência, o que lhes garantiria crescimento individual e profissional. Além disso, a maioria anseia por cursar o ensino superior após a conclusão do curso, conciliando-o com o emprego.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Jovem Aprendiz, Casa do Menor Trabalhador, jovens, expectativas.

## **EXPECTATIONS AND OBJETIVES OF YOUNG APPRENTICES FROM THE CASA DO MENOR TRABALHADOR DE NATAL**

#### **ABSTRACT**

The Jovem Aprendiz Program, which aims to refer young people to their first job, is studied by several researchers who, in general, seek to understand its real contribution to the apprentice's life. As research addressing this theme is scarce in Natal, more specifically regarding the vocational training developed by the Casa do Menor Trabalhador de Natal, this work was developed with the general objective of analyzing the reality and expectations of young apprentices assisted by that institution. To achieve its objectives, this exploratory study was designed by collecting and analyzing data from 30 participants. The results show that young people entered the course in search of learning and experience, which would guarantee them individual and professional growth. In addition, most yearn for higher education after graduation, reconciling it with employment

**KEYWORDS:** Jovem Aprendiz Program, Casa do Menor Trabalhador, young people, expectations.

## 1 INTRODUÇÃO

É consenso que a inserção de jovens no mercado de trabalho caracteriza-se como um grande desafio. Em países subdesenvolvidos, como o Brasil, essa realidade é acentuada, devido, principalmente, às enormes desigualdades sociais existentes, acarretando em baixa escolaridade e no déficit educacional de grande parte da população. Assim, os jovens de classes econômicas mais baixas estão sujeitos a trabalhos precários, rotativos, insalubres e de remuneração irrisória. A falta de qualificação impossibilita a reversão desse quadro (BORGES, 2010).

A década de 90 no Brasil evidenciou a necessidade de mudanças entre a relação emprego e jovens, uma vez que estes, à época, encontravam considerável dificuldade em adentrar no mercado de trabalho (que sofria relevantes mudanças) caso não possuíssem uma mínima qualificação. Assim tornou-se necessário colocar em prática políticas públicas capazes de reduzir essas desigualdades, atentando à parcela significativa da população que em um futuro pouco distante se tornaria a principal força de trabalho do país. O governo constituiu, dessa forma, dois vieses: fomento ao empreendedorismo e implantação de programas de capacitação (qualificação) (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2013).

O Programa Jovem Aprendiz (PJA) se enquadra no campo de ação de programas de capacitação desenvolvidos pelo governo. Esse projeto tem como principais funções garantir aprendizagem e inserir, no mercado de trabalho, jovens na faixa etária de 14 a 24 anos. Há, assim, a instrução desses cidadãos por parte das empresas participantes e das Instituições de ensino. Estas constituem-se, preferencialmente, pelas entidades do chamado “Sistema S” – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP). Entretanto, quando a demanda ultrapassa o número de vagas oferecidas por essas instituições, outros centros educacionais assumem esta função, como as escolas técnicas, agrotécnicas e entidades sem fim lucrativo (ANDRADE; SANTOS; JESUS, 2016). Nesse contexto, a Casa do Menor Trabalhador de Natal (CMT) enquadra-se nesta última denominação. A mesma será essencial para o objeto de estudo deste trabalho, que são as expectativas e objetivos de jovens participantes dos cursos profissionalizantes oferecidos pela Casa.

Apesar de haver um grande acervo bibliográfico quanto à relação jovens e cursos profissionalizantes (no âmbito de expectativas, objetivos e resultados), é escasso o número de pesquisas que abordam esse tema na cidade do Natal, mais especificamente quanto à formação profissional desenvolvida pela Casa do Menor Trabalhador e como a mesma interfere nas expectativas de futuro dos jovens contemplados pelo projeto. O maior conhecimento do tema permite a compreensão de como políticas públicas, como a do Programa Jovem Aprendiz, modifica a visão de mundo dos indivíduos por elas assistidos.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a realidade e as expectativas dos jovens aprendizes da Casa do Menor Trabalhador de Natal, tendo em vista a relevância desta abordagem no âmbito social.

Os objetivos específicos, organizados de modo a atender o objetivo geral, são:

- Identificar o perfil dos jovens aprendizes da Casa do Menor Trabalhador de Natal.
- Pesquisar os motivos que levaram os jovens a ingressarem nos cursos profissionalizantes da Casa do Menor Trabalhador de Natal.
- Compreender quais as expectativas e os objetivos dos jovens aprendizes da Casa do Menor Trabalhador de Natal.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Relação entre os jovens e o trabalho no Brasil

A problemática da inserção dos jovens no mercado de trabalho não é exclusividade do Brasil nem é algo recente. Vários países europeus viveram a mesma situação e desenvolveram políticas consideradas satisfatórias e bem sucedidas para reverter essa problemática. No Brasil, ainda busca-se por alternativas mais adequadas para sanar essa deficiência, que piorou a partir das mudanças econômicas que datam da década de 1980. Nessa época, começou a buscar-se por empregados com melhor capacitação e qualificação para os cargos de trabalho que já apresentavam certo grau tecnológico. Décadas antes, no período da industrialização do Brasil (entre 1930 e 1980), era abrangente o emprego do tipo assalariado, com carteira assinada, favorecendo a inserção de jovens nesse cenário de trabalho. Porém, no início dos anos de 1980 houve uma drástica queda nesse tipo de contratação, atingindo, principalmente, os grupos mais vulneráveis, como os de jovens, mulheres, idosos e negros. Essa tendência vem perdurando desde então. Para ilustrar essa realidade, estima-se que em 1990 somente 24% dos jovens na faixa etária de 15 a 17 anos possuíam um emprego formal (POCHMANN, 2007).

O resultado da falta de oportunidades é o ingresso precoce desses jovens no mercado de trabalho informal, o que pode acarretar, também, no abandono dos estudos. Essa sistemática cria um ciclo vicioso triste para a sociedade: jovens (principalmente os de classes mais baixas) ingressam em postos de trabalho informal em busca de alguma renda financeira e acabam por abandonar os estudos, diminuindo as chances de algum tipo de qualificação e especialização (o que garantiria um melhor emprego), ficando presos a postos de trabalho de condições precárias. Esses dois fatores aliados (entrada precoce no mercado de trabalho informal + formação escolar inadequada) resultam em outros fatores indesejados aos jovens: aumento da taxa de desemprego, criação de ocupações laborais de má qualidade, elevada rotatividade dos cargos. Devido a tudo que foi exposto, é evidente a necessidade de implementações de Políticas Públicas capazes de reverter (ou ao menos minimizar) esse quadro (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2013).

### 2.2 Programa Jovem Aprendiz

O Programa de Aprendizagem não é a primeira Política Pública instaurada no Brasil que visa destinar, através de capacitação profissional, o jovem ao mercado de trabalho. Mostra-se, entretanto, em meio a essa evolução, como um projeto mais humano, principalmente por ser respaldado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), reconhecendo nesses indivíduos,

cidadão de direito (MÁXIMO, 2012). O Programa Jovem Aprendiz foi regulamentado pela Lei 10.097/2000 (Lei da Aprendizagem) e ampliado pelo Decreto Federal nº 5.598/2005, regulamentando a inserção de jovens entre 14 e 24 anos no mercado de trabalho, não comprometendo, entretanto, sua formação escolar. Os principais objetivos do programa são proporcionar conhecimento aos jovens, facilitar sua entrada no mercado de trabalho e protegê-los segundo as leis trabalhistas, evitando o trabalho informal e infanto-juvenil (ANDRADE; SANTOS; JESUS, 2016).

Assim, para que o programa exista, é necessário que haja um vínculo estreito entre as Instituições de capacitação e as empresas responsáveis por acolher os jovens (BORGES, 2010). Estas têm a importante função de incluir os aprendizes socialmente, por meio da qualificação profissional (aliado ao conhecimento prévio que adquirem nas instituições de aprendizagem, combinando formação teórica e prática). A relação entre as empresas e os jovens também está aportada sobre a lei. O local de trabalho deve ser adequado quanto às questões de segurança e salubridade. Além disso, é proibido jornadas noturnas para jovens menores de idade. O aprendiz tem os mesmos direitos trabalhistas de todos que são regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Em contrapartida, os jovens devem executar com zelo as tarefas referentes à sua capacitação, participando assiduamente dos cursos em que estão matriculados na instituição de aprendizagem (MÁXIMO, 2012).

### 2.3 Casa do Menor Trabalhador de Natal

A Casa do Menor Trabalhador de Natal, localizada na Rua Presidente José Bento nº 927 no Bairro do Alecrim, foi idealizada e fundada no ano de 1987, inspirada pela Campanha da Fraternidade do referido ano: “Quem acolhe o menor, a mim acolhe”. A CMT, devido ao seu caráter filantrópico, sempre buscou atender crianças e adolescentes em situação de risco. O perfil desses menores enquadra-se em uma situação delicada, já que uma considerável parcela chega a CMT fora da faixa normal de escolaridade, com histórico de pequenas infrações (devido à conduta que aprenderam na rua), desnutridos e com tendência de abandonar a instituição em busca de atividades remuneradas. Por isso, inicialmente, buscou-se realizar oficinas de trabalho no turno inverso ao das aulas, visando a ocupação dos alunos e a inserção dos mesmos, em um futuro próximo, no mercado de trabalho. Constavam, dentre os conhecimentos de ofício: fabricação de vassouras, tecelagem, marcenaria, panificação, pintura, dentre outros (PINTO, 2008).

Atualmente, a Casa do Menor Trabalhador de Natal oferece dois serviços à sociedade: O Ensino Fundamental Regular de Tempo Integral e a formação profissionalizante a jovens com idade entre 16 e 22 anos (CASA DO MENOR TRABALHADOR DE NATAL, 2019).

#### 2.3.1 Formação profissionalizante da CMT

A Casa do Menor Trabalhador de Natal configura-se, segundo o PJA, como instituição de fins filantrópicos apta a oferecer cursos de capacitação. Os recursos necessários para essa prestação de serviço advêm de empresas privadas e doações. Atualmente a instituição ministra quatro cursos de formação: Assistente Administrativo, Recepcionista de Hotel, Garçom e Auxiliar de Limpeza Urbana e Ambiental. O curso profissionalizante divide-se em duas etapas. Na primeira,

os jovens, chamados “ingressantes”, adquirem conhecimento quanto ao curso de escolha, por meio de aulas expositivas e práticas, com duração de 330 horas. Na segunda, os jovens, agora chamados “aprendizes”, após as 330 horas de aulas ministradas na etapa anterior, são inseridos em alguma empresa para por em prática o que aprenderam. Nessa fase os aprendizes trabalham meio período e frequentam a empresa durante quatro dias semanais, devendo continuar os estudos na CMT uma vez na semana, somando uma carga horária total de 1280 horas.

Segundo dados fornecidos pelo site da instituição, cerca de 1400 jovens são formados por ano e 100 são inseridos no mercado de trabalho todo mês (CASA DO MENOR TRABALHADOR DE NATAL, 2019).

#### 2.4 O que outros autores dizem sobre o tema?

Borges (2010), em sua dissertação de mestrado, investigou os sentidos do trabalho para os jovens em sua primeira experiência profissional. Para alcançar seus objetivos, além da revisão bibliográfica, realizou entrevistas (como forma de coleta de dados) com um grupo de indivíduos participantes de cursos profissionalizantes oferecidos pelo Núcleo de Formação do Trabalho (NUFT) da Instituição Irmandade do Divino Espírito Santo e a Sociedade Promocional do Menor Trabalhador (IDES/PROMENOR), na Grande Florianópolis, integrante do Programa Jovem Aprendiz. Os entrevistados revelaram prevalência positiva quanto ao sentido do trabalho, concordantes, segundo a autora, com o modelo capitalista. Enxergam, no emprego, sinônimo de dignidade e esforço. Entretanto, esses mesmos jovens almejam felicidade em suas atividades profissionais. Borges (2010) critica as políticas públicas vigentes quanto à relação trabalho e educação, defendendo que, quando se investe prioritariamente nesta última, um maior leque de oportunidades profissionais é possível.

Identicamente, visando analisar a percepção dos adolescentes da mesma ONG sobre sua inserção no mercado de trabalho, Campos (2009) entrevistou dez indivíduos desse grupo para a obtenção de dados. Os resultados das entrevistas indicam que esses jovens conectam ao trabalho a “oportunidade de adquirir responsabilidade, desenvolvimento profissional, retorno financeiro e uma nova posição na sociedade”. A autora, entretanto, critica a “romantização” que os mesmos têm em relação ao trabalho, o que pode acarretar que se sujeitem à exploração e à alienação.

As expectativas dos adolescentes aprendizes do SENAC (na cidade de João Pessoa/PB) em relação ao futuro foram estudadas por Macêdo; Alberto e Araújo (2012). Assim, 16 jovens participantes e egressos do curso foram estudados por meio de entrevistas. Os resultados apontam que esses garotos acreditam em melhores expectativas futuras devido à experiência e “disciplinamento” obtidos durante o programa. Também acreditam que o esforço pessoal é capaz de alcançar qualquer objetivo, mesmo em meio às dificuldades. Aliado a isso, a maioria almeja profissões de nível superior ou médio, mesmo que se tenha que conciliar trabalho e estudo. Os pesquisadores, concordando com os demais já relatados, criticam o capitalismo e como este é capaz de adestrar os jovens no mundo do trabalho, fazendo com que os mesmos não resignifiquem seus sonhos e apenas busquem um emprego que traga razoável remuneração e segurança.

Quanto aos programas de capacitação e inserção dos jovens no mercado de trabalho, Andrade; Santos e Jesus (2016) fazem críticas positivas, alegando que esses podem deixar um legado social relevante aos indivíduos contemplados, reduzindo os índices de miséria e de desemprego e, ao mesmo tempo, melhorando a economia do país através da mão de obra qualificada. Outros autores não compartilham do mesmo ponto de vista, como Guimarães e Almeida (2013) que defendem que esses programas não devem ter como objetivo e prioridade ensinar um ofício e criar um emprego, apenas, mas devem despertar novas possibilidades e fortalecer as capacidades cognitivas dos jovens. De forma mais contundente, Máximo (2012) acredita que o Programa Jovem Aprendiz foca na padronização e no enquadramento dos adolescentes participantes, como forma de controle, em vez de objetivar sua formação como cidadão único e livre.

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo, de caráter exploratório, foi desenvolvido por meio da coleta e análise de dados: 30 jovens (maiores de idade, pela facilidade legal do procedimento) participantes do curso profissionalizante de assistente administrativo, oferecido pela Casa do Menor Trabalhador de Natal. O número de participantes foi considerando um percentual representativo da população total em estudo. O curso de assistente administrativo foi escolhido por ser o mais procurado dentre os jovens aprendizes do programa. A pesquisa foi realizada no dia 10 de maio de 2019, em uma sexta feira, no turno matutino, devido à disponibilidade de todos os componentes do grupo em se fazer presente no local de estudo. Um questionário estruturado foi utilizado como ferramenta para a coleta dos dados. O mesmo foi elaborado de modo a adquirir informações capazes de atingir os três objetivos específicos deste trabalho: o perfil dos jovens aprendizes da CMT; seus motivos para o ingresso na Casa; e quais as expectativas dos mesmos, em relação ao seu próprio futuro, após a participação no programa. Tanto os jovens quanto a instituição tomaram ciência dos objetivos desta pesquisa, de modo que foi entregue um termo de consentimento aos entrevistados e aos responsáveis pela Casa do Menor Trabalhador de Natal, concordando com a realização do estudo. Após a coleta das informações, as respostas foram cruzadas com os objetivos expostos, possibilitando a análise dos temas abordados.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A primeira parte do questionário, composta por cinco perguntas, tinha como intuito buscar dados para traçar o perfil do jovem a da Casa do Menor Trabalhador de Natal.

Quanto à idade nota-se uma predominância de jovens entre 18 e 20 anos (25, correspondendo a 83,33% do total) se comparado aos jovens dentro da faixa etária entre 21 e 23 anos (5, correspondendo a apenas 16,66% do total). Essa diferença pode ser explicada devido à idade máxima limite para o ingresso na CMT, que contempla jovens de 16 a 24 anos. Logo, se a duração do curso ocorre em 2 anos, o ingresso deve ocorrer até os 22 anos de idade. Quanto ao gênero, observa-se domínio do sexo feminino, tendo em vista que 18 participantes do total são mulheres (60%) e 12 (40%) são homens. Essa predominância feminina não é exclusiva ao curso em

questão, o mesmo ocorre com os demais cursos, atestando que as meninas buscam mais a CMT do que os meninos. Provavelmente os homens tenham menos oportunidades de qualificação do que as mulheres por sofrerem maior pressão para terem, precocemente, alguma renda financeira, considerando o contexto e a realidade econômica que estão inseridos, já que como afirma Borges (2010), indivíduos de classes econômicas mais baixas estão sujeitos a trabalharem em empregos precários e insalubres desde cedo.

A Figura 2 a seguir mostra com quem os participantes da pesquisa moram:

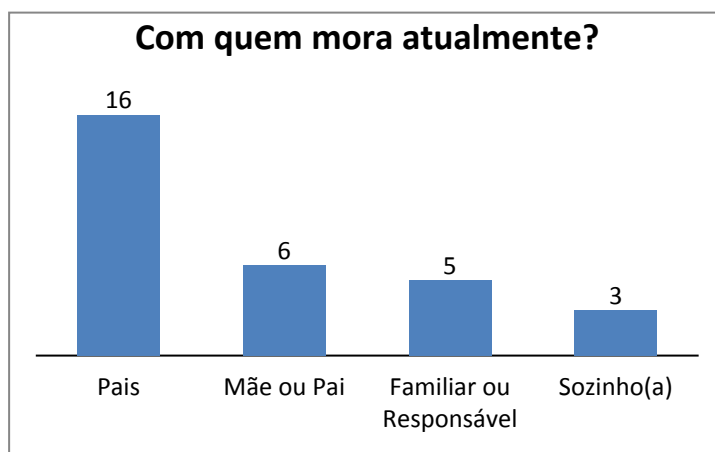


Figura 2: Distribuição - com quem os jovens moram atualmente.

Em relação ao gráfico é interessante notar que a maioria (27 pessoas – 90%) mora com os pais, um dos pais ou algum familiar/responsável, atestando que na referida faixa etária pesquisada (entre 18 e 23 anos) dificilmente os jovens conseguem se auto sustentar (como ocorreu com 3 – 10% – dos entrevistados). Essa dificuldade pode ser atribuída ao fato da maioria estudar e ao fato de que o salário que ganham como jovem aprendiz não condiz com a realidade social atual de independência financeira. Outro aspecto pertinente é que todos os 6 jovens que marcaram a alternativa que mora com pai ou mãe, moram com a mãe. Tal tendência pode ser verificada considerando-se que em 2011, nos casos de divórcio judicial, 87,1% das mulheres tornaram-se responsáveis legais pelas crianças, contra a porcentagem de 5,3% dos homens (IBGE, 2011).

A quarta pergunta “está estudando atualmente (além da Casa do Menor Trabalhador de Natal)?”, apresentava outras duas questões em caso de resposta positiva para a pergunta anterior (quanto ao nível de escolaridade e a categoria de ensino da instituição). Entretanto, a maioria dos participantes (9 de 10) que respondeu que NÃO está estudando atualmente, também respondeu as duas outras perguntas, informando, dessa forma, seu grau de escolaridade e a categoria de instituição que estudou. Como a maioria interpretou que deveria também responder a essas questões, optou-se por apresentar esses dados e separar os 30 entrevistados em dois grupos: os que não estudam atualmente (10 pessoas – 33,33%) e os que estudam atualmente (20 pessoas – 66,66%).

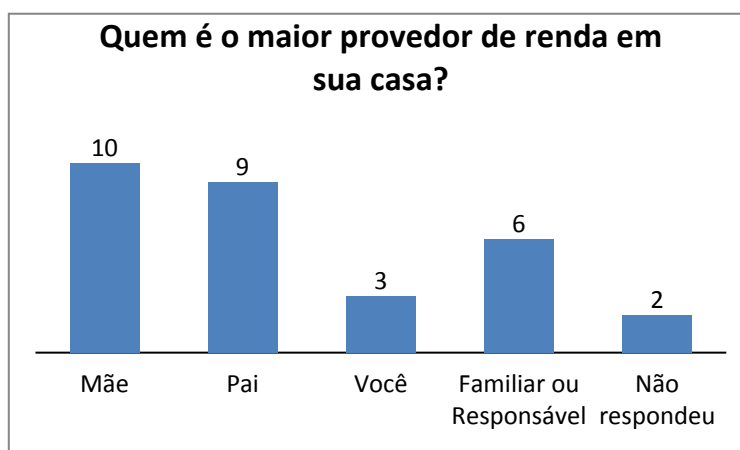
- Os que não estudam atualmente: dentre os 10 que não estão estudando atualmente, 9 concluíram o ensino médio e 1 não respondeu a essa questão. Como todos os que responderam concluíram o ensino médio e não continuaram os estudos em outras áreas de qualificação (curso técnico ou superior), infere-se que eles buscam no PJA a oportunidade de



entrar no Mercado de Trabalho. Quanto à categoria das instituições de ensino, 6 foram enquadradas como públicas, 1 privada, 1 filantrópica e 2 não responderam.

- Os que estudam atualmente: dentre os 20 que estão estudando atualmente: 7 estão no ensino médio, 3 no técnico, 1 no médio e técnico, 8 no superior e 1 no técnico e superior. Quanto à categoria das instituições de ensino, 8 são privadas e 12 são públicas. Impressiona o número de jovens que estão cursando o ensino superior: 9, quase metade do total, sendo que 6 estudam no ensino superior privado e apenas 3 no público.

A Figura 3 ilustra quanto ao maior provedor da renda familiar:



**Figura 3: Distribuição - quem é o maior provedor de renda da casa dos jovens.**

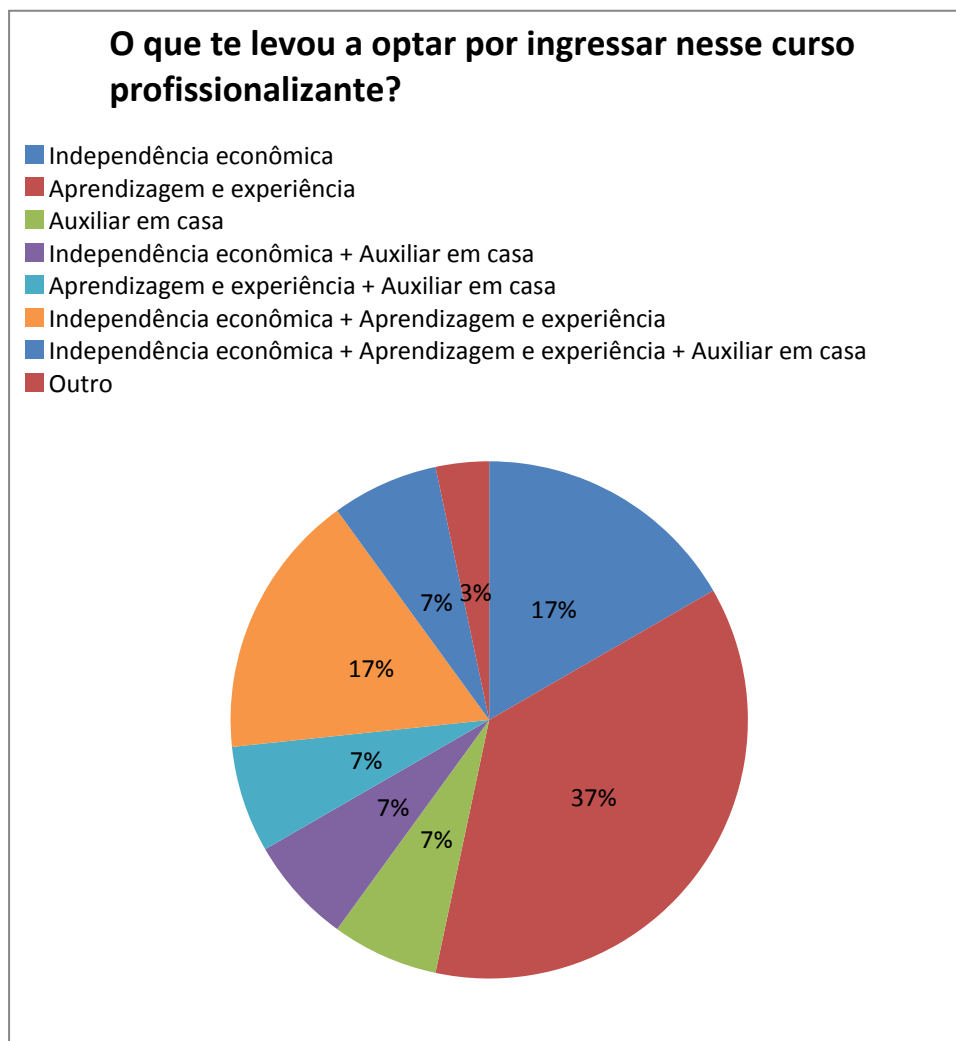
Nota-se certa equivalência entre a função do pai e da mãe como maior provedor da renda familiar. Essa equivalência se torna ainda mais clara se destacarmos que, dos 9 casos em que o pai é o maior provedor, em 7 os jovens moram com ambos os pais e que, dos 10 casos em que a mãe é a maior provedora, em 6 os jovens moram com ambos os pais (nos demais 4 casos os jovens moram apenas com a mãe). Esses números indicam uma tendência do crescimento da inserção de mulheres no mercado de trabalho.

Analisando, assim, todos os dados, pode-se traçar um perfil geral do jovem aprendiz da CMT: jovens que cursam/ cursaram ao menos o ensino médio, de modo que uma porcentagem considerável (43,33%) busca especialização através do ensino superior e do ensino técnico, indicando que creditam à educação melhores oportunidades de vida. A maioria ainda não atingiu a independência financeira, devido a estarem investindo nos estudos ou ainda não terem encontrado oportunidade de inserção no mercado de trabalho. Estudam/estudaram, em sua maioria, em instituições públicas, sendo provável constar que jovens que buscam o PJA advêm de classes sociais menos favorecidas.

A segunda parte do questionário, composta por duas perguntas, visa pesquisar os motivos que levaram os jovens a ingressarem nos cursos profissionalizantes da CMT.

Nesse contexto, a sexta pergunta indaga diretamente o que os motivou a ingressarem no curso profissionalizante. Estas eram as alternativas referentes a essa questão: Independência

econômica; Aprendizagem e experiência; Auxiliar em casa; Outro. Foi permitido assinalar mais de uma alternativa. A Figura 4 mostra os resultados obtidos nessa pergunta:



**Figura 4: Motivos que levaram os jovens a ingressarem no curso profissionalizante.**

É nítido que o motivo mais citado pelos jovens foi a possibilidade de “Aprendizado e experiência”, e, em segundo lugar a “Independência econômica”. Esse resultado vai de encontro com resultados obtidos por outros autores já citados neste trabalho. Em sua pesquisa, Borges (2010) analisou que os jovens buscam por experiência para assim obterem um “passaporte facilitador” para adentrarem no mercado profissional e gozarem de todas as suas “regalias” (incluindo o retorno financeiro). Campos (2009) também concluiu que os indivíduos por ela estudados ingressam no PJA visando uma oportunidade de aprendizagem e experiência profissional, o que lhes garantiria maturidade e emancipação econômica (possibilidade de obter bens de consumo). Tanto é verdade, que 100% dos jovens entrevistados pela autora associaram a experiência profissional do PJA ao seu próprio desenvolvimento profissional e pessoal.

Considerando o modelo econômico em que estamos inseridos, é inquestionável que aprendizagem e experiência sejam diferenciais nessa “corrida interminável” em busca de boa remuneração e segurança (estabilidade) no trabalho. As críticas das autoras previamente citadas diz respeito ao que realmente está por trás da “experiência e aprendizagem”. São concordantes de

que esses jovens incorporam as significações do trabalho em uma nação capitalista, sem questionarem seus reais sonhos e anseios, e, acabam por submeter-se às necessidades do sistema. Borges (2010) defende que o significado de trabalho deve ir além das recompensas de obter recursos para a sobrevivência e para o consumo de bens. Todas as questões que envolvem modelos econômicos e suas práticas são complexas e questionáveis, e não existe verdade absoluta sobre o que é certo e errado. Porém defende-se aqui que a experiência e a aprendizagem obtidas possam ir além do conhecimento de um ofício. Para que sejam válidas é importante que desenvolvam e fortaleçam as capacidades dos jovens como um todo, inclusive a crítica, e jamais sejam uma forma de alienação e doutrinação.

A pergunta seguinte “Por que escolheu como instituição a Casa do Menor Trabalhador de Natal?” visa entender o porquê os jovens escolheram a CMT tendo outras instituições na cidade que prestam o mesmo serviço. A pergunta era discursiva, porém, analisando as respostas, pôde-se dividi-las nas seguintes categorias (seguido do número de entrevistados que assim responderam): pela boa imagem que a CMT tem perante a sociedade (14); por recomendação de pessoas próximas (8); por comodidade (5); por encaminhamento da empresa (2); não respondeu (1). O número expressivo de jovens que escolheram a CMT por ser conhecida como exemplo de instituição de educação é expressivo. A partir dos depoimentos, é possível perceber que a CMT apresenta grande prestígio na região, por ser uma instituição tradicional que há anos busca dar oportunidades aos jovens menos favorecidos. Provavelmente, por isso, o segundo fator mais mencionado para a escolha da CMT foram as recomendações. Ou seja, mesmo que o jovem não conhecesse o local, alguém próximo conhecia suas boas referências.

Por fim, a terceira e última parte do questionário tem como objetivo compreender as expectativas e objetivos dos jovens após a conclusão do curso profissionalizante (Gráfico 4):



Figura 4: Distribuição - quais as expectativas dos jovens após a conclusão do curso profissionalizante

É interessante constatar que nenhum dos entrevistados se enxerga cursando “apenas” o ensino superior após a conclusão do curso, o que indica que entraram no PJA buscando realmente adentrar no mercado de trabalho (a maioria expressiva almeja o trabalho - 28 dos 29 que responderam a questão – mesmo que tenham outras ocupações em suas vidas). A atividade

laboral tem um papel importante na nossa sociedade no que diz respeito à própria identidade e realização pessoal do indivíduo. Associa-se ao emprego, além dos meios que garantem a sobrevivência, a certeza de dignidade e de qualidade de vida. Há essa apreciação moral do trabalho (SARRIERA et. al., 2001).

As três pessoas que assinalaram a resposta “Outro”, correspondendo a 10% do total, responderam que têm os seguintes objetivos: ser efetivado e cursar técnico de enfermagem; trabalhar em outra área; e seguir a carreira militar.

A maioria assinalou que têm como expectativa cursar o ensino superior e conciliá-lo com algum trabalho. Isso mostra como esses jovens creditam à educação de nível superior melhores oportunidades de trabalho. Macêdo; Alberto e Araújo (2012), já mencionados neste trabalho, obtiveram resultados parecidos em sua pesquisa, onde a maioria dos jovens entrevistados almejam profissões de ensino superior, o que seria facilitado pela experiência e “disciplinamento” que os mesmos obtêm no PJA. É claro que conciliar trabalho e ensino superior é algo difícil, porém, provavelmente, os jovens estudados neste trabalho tenham pensamentos parecidos com os jovens estudados por Macêdo; Alberto e Araújo (2012), que, segundo os autores, incorporaram fortemente os ideais liberais, crendo que é possível alcançar qualquer objetivo através, apenas, do esforço próprio (retirando qualquer responsabilidade da sociedade e transferindo-a completamente para o indivíduo). Porém, voltando-se para perspectivas otimistas, é positivo constatar que os jovens da CMT, aparentemente, acreditam na educação e como a mesma pode abrir um leque de oportunidades para o futuro.

## 5 CONCLUSÃO

A relação entre Jovem e Trabalho é complexa em todo mundo. Entretanto, em países com elevadas desigualdades sociais, como no Brasil, essa relação é ainda mais complicada, visto que jovens enquadrados em classes sociais menos favorecidas tendem a adentrar no mercado informal precocemente, abandonando os estudos e, assim, as chances de obterem melhores oportunidades para o futuro. Para reverter esse quadro, políticas sociais como o Programa Jovem Aprendiz vêm sendo implantadas nos últimos anos, visando a capacitação e a inserção de jovens no mercado de trabalho. Esse Programa é controverso, há quem defenda, afirmando que garante experiência e maiores oportunidades ao público alvo, e há quem critique negativamente, afirmando que o PJA ajuda a perpetuar o *status quo*.

Este trabalho visou conhecer a realidade e as ideias dos jovens aprendizes da Casa do Menor Trabalhador de Natal, e seus objetivos específicos foram atingidos.

O perfil geral dos aprendizes da CMT é de jovens, na faixa etária de 18 a 20 anos, que ainda não alcançaram a independência financeira e que cursam/cursaram, ao menos, o ensino médio. Uma parcela considerável busca outros ensinamentos de qualificação e a maioria provém de escolas públicas.

Quanto aos motivos que os levaram a ingressar na CMT, o mais citado foi o “Aprendizado e Experiência”, sendo este um diferencial facilitador para que adentrem no mercado de trabalho.

Destaca-se que esse “Aprendizado e Experiência” não seja uma máscara para a “alienação e doutrinação”, como afirmam outros autores.

Por fim, quando indagados sobre as expectativas para o futuro, praticamente 100% respondeu que anseia adentrar no mercado de trabalho, tomando em vista o importante papel que a atividade laboral apresenta na nossa sociedade. Além disso, mais da metade dos participantes da pesquisa revelaram o desejo de ingressar no ensino superior, mostrando que os mesmos creditam à educação melhores chances para o futuro. Essa informação pode ser considerada positiva quanto ao trabalho desenvolvido pela CMT, uma vez que sugere que a Casa segue as diretrizes do PJA, de desenvolver todas as potencialidades dos jovens, inclusive o senso crítico.

## 6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M.; SANTOS, K. K.; JESUS, G. S. O Programa Jovem Aprendiz e sua importância para os jovens trabalhadores. **Interfaces Científicas-Direito**, v. 4, n. 2, p. 45-54, 2016.

BORGES, R. C. P. **Jovem-Aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional**. 2010. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CAMPOS, F. S. Projeto Jovem Aprendiz-IDES/PROMENOR: percepção do adolescente sobre a sua inserção no mundo do trabalho. 2009. Repositório Institucional da UFSC.

Casa do Menor Trabalhador de Natal. QUEM SOMOS. 2019. <Disponível em: [http://casadomenortrabalhadorrn.org/?page\\_id=1195](http://casadomenortrabalhadorrn.org/?page_id=1195)>

\_\_\_\_\_. COMO ATUAMOS. 2019. <Disponível em: <http://casadomenortrabalhadorrn.org/?portfolio=ensino-fundamental-ii-6o-ao-9o-ano>>

GUIMARÃES, A. Q.; ALMEIDA, M. E. Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil. **Temas de Administração Pública**, v. 8, n. 2, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Brasília, 2011, Microdados.

MACÊDO, O. J. V.; ALBERTO, M. F. P.; ARAUJO, A. J. S. Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 779-787, 2012.

MÁXIMO, T. A. C. O. **Significado da formação e inserção profissional para gerentes e aprendizes egressos do programa jovem aprendiz**. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Pessoa.

PINTO, E. N. A. **A EXPERIÊNCIA DA CASA DO MENOR TRABALHADOR: aproximação entre educação escolar e trabalho**. 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego: a situação e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro**. 2ª edição. São Paulo: Publisher Brasil.

SARRIERA, J. C.; SILVA, M. A.; KABBAS, C. P.; LÓPES, V. B. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 27-32, 2001.